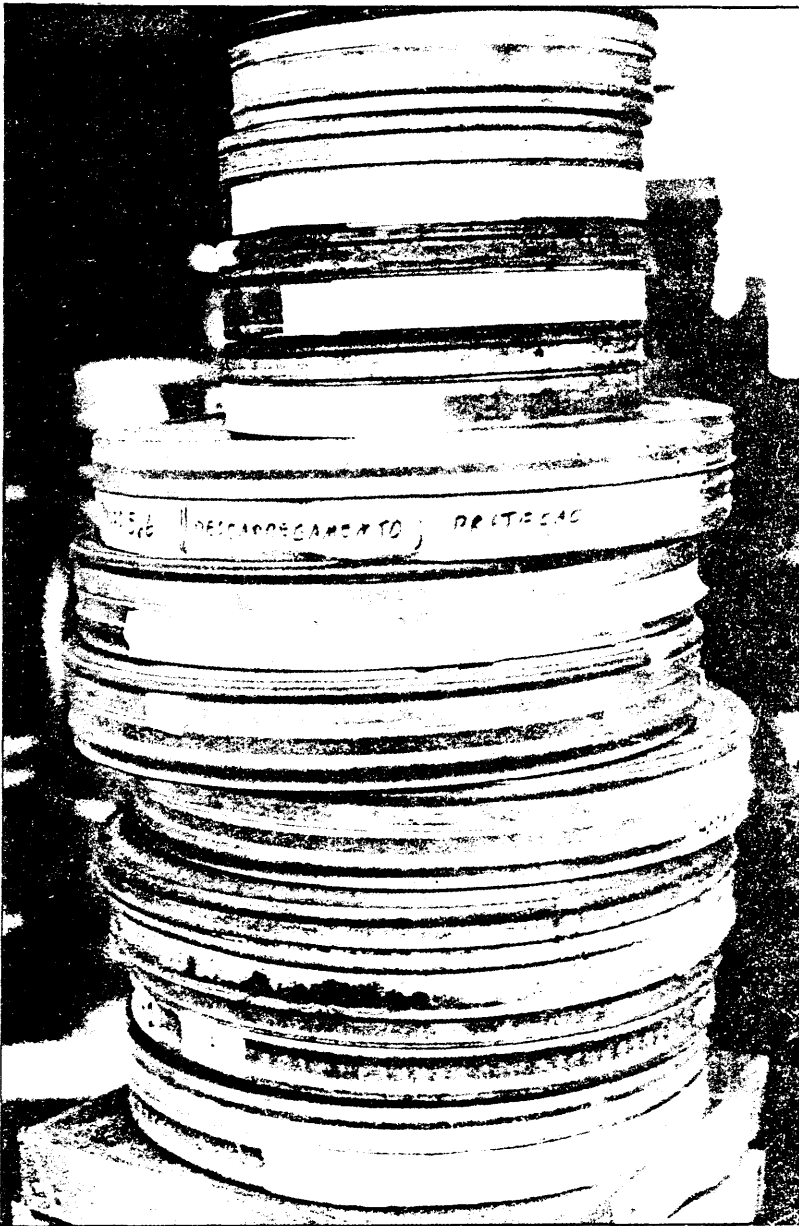


Coordenação
de Gilberto Matusse

CINEMA MOÇAMBICANO



O cinema moçambicano está neste momento a iniciar um caminho novo. Roda-se o primeiro filme de ficção, «O Vento Sopra do Norte», sem ajuda de ninguém. «É um saito necessário para não estagnarmos. Temos que o dar» — diz o seu realizador, José Cardoso, considerado o decano dos cineastas moçambicanos. O que se fez nestes 11 anos de independência? Como nasceu o cinema, em Moçambique? Que tipo de filmes se faziam, no passado? Quem são hoje os nossos cineastas, os nossos técnicos de cinema? Vamos tentar responder a estas perguntas com uma série de entrevistas conduzidas por Teresa Sá Nogueira, a iniciar hoje.





José Cardoso dirigindo as filmagens do primeiro filme de ficção moçambicano, «O Vento Sopra do Norte»

José Cardoso é considerado o decano dos cineastas moçambicanos. É ele quem se atreve a enfrentar o desafio de dirigir o primeiro filme de longa-metragem, em ficção, totalmente moçambicano. Como co-realizador, escolheu Camilo de Sousa. Como actores, gente que nunca tinha antes trabalhado em cinema. Pela primeira vez também, far-se-á a dobragem do som no Instituto Nacional do Cinema.

«Este filme tem estado a correr bastante bem — afirma. P e n s o que poderemos terminar as filmagens no fim deste mês e exibi-lo lá para fins de Outubro. Fizemos o «Tempo dos Leopardos» em seis meses, com a ajuda dos jugoslavos. Foi necessário, para adquirir experiência e aprender como se faz. Agora este filme vai ser a nossa escola. Através dele vamos medir as nossas reais capacidades de fazer cinema».

A princípio estava com certo receio, reconhece. «Mas as pessoas precisam de ter confiança em nós. Nós próprios precisamos de ter essa confiança. Só depois é que vamos saber se estamos capazes de avançar ou não. Sinto que estávamos a cair na rotina, a ter um certo desânimo. Por isso todos achamos que este salto é indispensável. Por outro lado, com as possibilidades que temos de fazer ci-

nema aqui, com as facilidades que põem à nossa disposição e que são tão raras, senão únicas, no Continente Africano, temos esse dever. O Partido e o Estado dão-nos todo o apoio. Haverá poucos cineastas no mundo que tenham a felicidade de contar com tal ajuda e nem a temos sabido aproveitar devidamente. Incentivos, equipamento, dinheiro, nada nos falta. Só há necessidade de uma maior criatividade da nossa parte e uma maior entrega e amor à profissão. De resto, temos tudo. Nunca me foi travada nenhuma iniciativa minha. Em outros países, os cineastas lutam anos para fazer um filme e às vezes não o conseguem. Aqui nada nos falta. Mas é um trabalho duro. A filmagem do «Tempo dos Leopardos» foi um tempo necessário, porque tínhamos que adquirir rodagem com profissionais de outro país para aprender a solucionar dificuldades. Um filme tem uma fase de preparação, uma de filmagem e outra de finalização. Isso foi feito e os nossos técnicos arranjaram conhecimentos para arrancar com filmes nossos».

UMA VIDA AMARGA

Nascido numa aldeia da Beira Alta em 1930, José Cardoso op-

tou em 1975 pela nacionalidade moçambicana. «Vim com 8 anos para Moçambique. Aqui casei e aqui nasceram os meus filhos. Não voltei lá mais, a não ser agora, em serviço. Chegou um tempo em que me pus a pensar: o que é que eu sou, na verdade? Nem conheço a minha família, em Portugal, nunca me escreveram. A minha terra é esta, a minha gente está aqui. Sempre me senti mais ligado a esta terra do que àquela onde nasci e nunca mais voltei».

José Cardoso conta que perdeu seus pais com 2 anos e para aqui foi trazido por um tio marceneiro, em busca de melhor vida: «Viemos naquela leva de colonos de 1938, nos porões dos navios. Aqui estavam outros tios e então começou a luta para se resolver com quem eu iria ficar. Todos eles viviam com dificuldades, eu era mais uma boca a sustentar, ninguém me queria. O caso foi resolvido pela Assistência Pública, que me enviou como interno para um colégio de órfãos brancos e mulattos, na Namaacha. Passei lá 4 anos, que foram terríveis e me marcaram bastante. As professoras eram solteironas que faziam recair em nós todo o peso de suas frustrações. Não havia desporto, era proibido conversar com meninas, mesmo aos domingos. Havia alunos de 17 e 18 anos, embora a escola fosse até à 4.ª classe. Penso que era para se aproveitarem do trabalho deles, ali, mas isso originava problemas muito graves. Pode-se dizer que aquela era uma verdadeira escola de vícios. Alguns meninos fugiam, mas não valia de nada, a polícia apanhava-os sempre e reconduzia-os à escola. E então era tudo pior».

UMA LUTA DIFERENTE

Na Namaacha José Cardoso, a quem o cinema já fascinava — embora quase o não conhecesse — passou a organizar sessões de «sombras chinesas», com veias e lençóis. «O bilhete de entrada era um pão — recorda. Andávamos sempre com fome e um pão era um preço elevadíssimo para nós. Mas os meninos gostavam e escondiam o pão na camisa, para assistirem».

Com 12 anos regressa à capital. «Aí recomeçou a luta de meus tios para verem com quem eu iria morar. Já tinha idade para trazer dinheiro para casa, era uma luta diferente, todos queriam ficar comigo».

Técnico de farmácia foi o trabalho escolhido para José Cardoso e com ele haveria de se manter durante 32 anos. «Na verdade, até entrar para o Instituto Nacional do Cinema, em 1977. Foi a Independência de Moçambique que me deu a possibilidade de me realizar como profissional de cinema».

Trabalhando numa farmácia de dia e estudando na Escola Sá da Bandeira à noite, o jovem Cardoso cedo se revela uma vocação para

uma angústia terrível para um menino que ainda nem tinha 16 anos. Aliás, sempre vivi depois nessa angústia, sem pais, sem irmãos, sem ninguém para conversar».

E nessa farmácia da Beira trabalhou 32 anos.

O CINE-CLUBE DA BEIRA

O amor pelo cinema sempre foi uma constante de sua vida. Na década de 50 funda o «Grupo de Amadores de Cinema da Beira», que tinha como finalidade a produção de filmes. «Começamos com uma máquina de 16 milímetros e escrevi nessa altura o meu primeiro filme, que nunca chegou a ser

vários filmes, e a minha equipa, que era a mais bem preparada, ficou com o nome de Beira-64. Preparação que a mim só me veio de leituras, da prática e do meu profundo amor pelo cinema».

BEIRA-64

Em 1964 José Cardoso faz o seu primeiro documentário, «O homem e o mar», sobre a vida dos pescadores na Beira. «Nunca gostei dele, nunca quis mostrá-lo, mas foi uma boa experiência para mim», reconhece.

O segundo filme, o «Anúncio», já é conhecido e premiado internacionalmente, tanto pela sua realização como pela interpretação, aliás do próprio Cardoso. «É sobre a vida de um desempregado num dia de Carnaval. É um filme em super-8, considerado um clássico nos círculos de cinema não profissional, e que de vez em quando é projectado na televisão de Portugal. Tem uma canção de Zeca Afonso composta especialmente para ele». Zeca Afonso era professor de filosofia na Beira e tornou-se amigo de José Cardoso. Viu o filme em fase de montagem e pediu para compor uma música. «Já era minha intenção pedir-lha, mas ele antecipou-se».

Seguiram-se «Raízes» e «Pesadelo», de tipo cinema experimental, que também foram premiados. «O «Anúncio» tinha uma linguagem mais fácil, faz lembrar «O ladrão de bicicletas», que foi um filme que me marcou muito. Nos outros já houve uma tentativa de busca de novos termos. Nessa altura, tínhamos necessidade de nos expressarmos entre linhas, por símbolos, para iludir a censura e conseguir transmitir as nossas ideias. Isso, de certo modo, funcionava como um desafio».

AMOR PELO CINEMA

Havia falta de quadros de cinema, em Moçambique. Em 1976 José Cardoso recebe um convite para abrir uma delegação do INC na Beira. E foi lá também onde se iniciou a primeira experiência de Cinema Móvel, que levou o cinema até ao campo.

«Era um deslumbramento para as populações! O espanto, na cara



Estreia de «O Tempo dos Leopardos». O público disse «sim» ao filme

o desenho. O pintor Frederico Aires, pai de João Aires, propôs-se a dar-lhe aulas particulares de pintura. «Mas meu tio nunca consentiu, dizia que desenho não dá de comer a ninguém... E como havia aulas práticas e eu tinha escolhido escultura, forçou-me a optar pela carpintaria», lamenta.

Com 15 anos, José Cardoso cansou-se de aturar a família e fuge num barco costeiro para a Beira, onde lhe tinham prometido emprego numa farmácia. «Arranjaram-me um quartinho mesmo por cima do serviço, mas quando me vi lá sozinho, numa terra onde não conhecia ninguém, atirei-me para a cama a chorar e a rezar. Foi

acabado — recorda. Éramos um grupo de jovens cheios de sonhos e não sabíamos as dificuldades que nos aguardavam. A PIDE começou logo a vigiar o grupo e muitos desistiram. Tínhamos todos muito entusiasmo e nenhuma preparação. Um ano depois, propuseram-me que alargássemos a nossa acção para um cine-clube, onde houvesse também uma secção de cinema amador. E assim nasceu o primeiro cine-clube do país, na Beira. Ainda cá está gente desse tempo, como o Álvaro Simões, que foi um dos fundadores e o Hernâni Rodrigues, que trabalha connosco neste filme que estamos a fazer. Fizeram-se então

das pessoas que viam cinema pela primeira vez, é uma recordação que nunca poderei esquecer. Uma vez levantou-se um velho, que tinha estado a falar sozinho todo o tempo e foi beijar a imagem do Presidente».

O filme era sempre explicado antes e depois da projecção na língua local. «Tínhamos um jovem cheio de entusiasmo, o José Passe, que pegava na máquina às costas e ia de comboio ou a pé para os distritos. Levava semanas a passar filmes para as populações. Por isso me dói quando vejo outros jovens que não sentem amor pela profissão, que estão no cinema como poderiam estar numa repartição pública a fazer outra coi-

do ataque à Matola e o «Canta, meu irmão, ensina-me a cantar», que é um filme sobre a vida e trabalho dos músicos moçambicanos, premiado em Taskent e em Aveiro. E ainda «Os frutos da nossa colheita», uma média-metragem exibida também este ano no Festival de Aveiro.

«Houve críticas, eu sei — diz, um pouco triste — disseram até que eu já tinha perdido a minha criatividade. Não souberam entender que foi um filme deliberadamente lento para que, aqui, as pessoas o entendessem. O nosso povo não tem hábito de cinema. Tentei falar mais com imagens do que com palavras. Sei que esta é uma linguagem inaceitável em países

mais criativo quando dou largas à minha imaginação e posso manobrar luzes e câmaras como quem pinta um quadro», diz José Cardoso.

A ideia surgiu-lhe depois de ler uma crónica do jornalista Areosa Pena, «O Costa barrigudo». «Lembrei-me de situações vividas por mim naquela época e isso me inspirou para este trabalho. Penso que o ritmo desse tempo, 1968, é importante para as gerações que não o viveram. Foca a vida numa cidade pequena, que no livro é Xai-Xai, 4 anos depois do início da luta armada. O filme reflecte a situação dessa época, um certo alarme e pânico entre os colonos, o início do abandono do país. E, paralelamente, pretende mostrar uma certa preocupação e tomada de consciência nos moçambicanos pela situação do país, da necessidade da luta pela independência».

Nenhum dos artistas tem experiência profissional. Alguns fizeram teatro, outros estão agora a começar, com o cinema. «Procurámos sempre que possível utilizar os actores que entraram no «Tempo dos Leopards», para começar com uma escola de actores, dos primeiros actores de cinema de Moçambique, mas não foi possível. Como as características são diferentes, há muitos que se não podem utilizar».

Quanto aos técnicos, mostra-se satisfeito. «A maioria da equipa mostra grande entusiasmo e dedicação, alguns são mesmo excepcionais como profissionais conscientes. O guião demorou-me 3 meses a escrever, já vou na 3.ª versão. A fase de preparação levou 2 meses, as filmagens mais 2, depois ainda uns 3 para finalização: temos a montagem e, pior ainda, a dobragem. O actor terá de ir ao estúdio e falar, acompanhando o movimento de seus lábios, o que é muito difícil e nunca foi feito em Moçambique. Mas é necessário, porque os ruídos que pretendemos nunca são os que apanhamos. Depois falta-nos a música. Fiz um convite a Muçavele, em princípio aceitou mas ele nunca fez música para um filme e não é coisa fácil. Tem que conversar muito comigo, ver as filmagens, ver a montagem. Há temas alegres e temas dramáticos



A filmagem de uma cena do filme «O Vento Sopra do Norte»

sa qualquer. Não se faz cinema sem amor, sem entrega. Um bom profissional tem que amar o cinema».

Em 1973 José Cardoso vem chefiar a produção do cinema no INC.

«Não gostei, não tenho capacidade de chefiar seja o que for, o que eu gosto é de fazer filmes». Abriu então um novo sector no INC, o de desenhos animados. «É um cinema muito difícil, necessita de paciência, um minuto de filme leva horas de trabalho. Tenho um filme de 15 minutos começado, hei-de acabá-lo mais tarde. É a história de Flip-Flip e as formiguinhas brancas, de Machado da Graça».

Ainda no Instituto de Documentário «Que venham depois

avanzados, onde as pessoas têm o hábito de ler cinema. Sei que talvez seja difícil lá fora entenderem que precisamos de fazer este tipo de cinema aqui, agora. Claro que não é a linguagem que me agrada fazer, mas é a que é necessária. Tenho pensado muito nisso. Ou talvez seja também o cansaço que se tem reflectido no meu trabalho... nunca tirei férias, sabe? Quando terminar este filme vou tirar uns 3 meses, para descansar...».

«O VENTO SOPRA DO NORTE»

«Este é mais um filme com linguagem simples, fácil de ser entendido por toda a gente. Não é o meu estilo. Sinto-me sempre

e ele tem que conhecer o filme para os poder colocar».

O SALTO

Na opinião de José Cardoso, o filme estará pronto em Outubro. Logo a seguir será exibido para o público e só depois irá lá para fora. Poderá ou não ser apresentado em festivais de cinema ainda este ano, mas isso não preocupa nada o seu realizador.

«Qualquer filme moçambicano é feito para o público e não para festivais. Se tivéssemos essa preocupação, a nossa linguagem seria outra. Este é mais um filme para o povo moçambicano ver, sentir e

entender. Mesmo quando mais tarde levamos um filme a um festival, a nossa preocupação é mais de informar as pessoas do que se passa no nosso país, do nível a que está o nosso cinema, do que propriamente de competir. Há muita falta de informação sobre nós, lá fora. E sempre digo nós, porque para mim um filme não é feito por uma pessoa, mas por toda a equipa. Escrevi o guião e dirijo o filme, mas tenho a certeza de que ele só será bom se toda a equipa o sentir como seu. Claro que houve e que há dificuldades, que nos falta prática de organização de produção. E também falta motivação a alguns elemen-

tos, que estão a fazer cinema como poderiam estar numa loja a vender coisas ... mas não são muitos, felizmente. A maioria da equipa técnica mostra uma entrega total. E sabem que estou sempre aberto para discussão, que peço opiniões e aceito todas as críticas. Claro que quero que o filme tenha sucesso, todos o queremos. Mas sobretudo, gostaria de provar que já somos capazes de fazer um filme de ficção em Moçambique. De dar o tal salto rumo à independência, no nosso cinema».

Teresa Sá Nogueira